

# LINGUASAGEM

## UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DE LULA COMO LEITOR NA MÍDIA BRASILEIRA<sup>1</sup>

Andrei Cezar da SILVA<sup>2</sup>  
Luzmara CURCINO<sup>3</sup>

### Resumo

Objetivamos, com este trabalho, apresentar uma breve análise, resultante da pesquisa de Iniciação Científica que empreendemos em 2016/2017 e na qual nos dedicamos ao levantamento de textos junto ao acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*, nos quais se apresentassem referências diretas ou indiretas às práticas de leitura do ex-presidente Lula, concernente ao período de 1994, quando de sua segunda candidatura à presidência, até abril de 2017, quando finalizamos nossa IC. Nosso objetivo, com a seleção e classificação dos enunciados, segundo suas inscrições eufóricas ou disfóricas quanto ao modo como apresentavam o ex-presidente em sua relação com a leitura (leitor/ não-leitor), é o de poder apreender, de sua análise, certos discursos sobre a leitura. Além do predomínio de enunciados com críticas incisivas ao ex-presidente, em relação a sua prática leitora, observamos como a leitura é invocada como prática-símbolo de outras práticas culturais e alude a competências diversas consideradas necessárias para a atuação na política, reforçando com isso uma imagem predominantemente idealizada que compartilhamos sobre a leitura e sobre o que é ser leitor.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Leitura; Política brasileira; Mídia; Luiz Inácio Lula da Silva.

---

<sup>1</sup> Este artigo tem como base a Pesquisa de Iniciação Científica intitulada “*Discursos sobre a leitura na mídia brasileira: levantamento e análise de representações de Lula como leitor*”, desenvolvida no período de agosto de 2016 a julho de 2017, junto ao PUICT-UFSCar 292/2016 (voluntário), orientada pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, e vinculada à pesquisa de seu pós-doutorado intitulada “*Divisões sociais dos leitores no Brasil: uma análise dos discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros*” (CNPq - bolsa PDS - 104991/2016-0).

<sup>2</sup> Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal de São Carlos, mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística desta mesma universidade e membro do LIRE - Laboratório de Estudos da Leitura –UFSCar/CNPq. Contato: andrei.cezar29@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, coordenadora do grupo de pesquisas LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura. Contato: luzcf@ufscar.br.

## Abstract

With this article, we aim to present a brief analysis that is a result of our research of Scientific Initiation we made in 2016/2017, in which we dedicated to the survey of texts from the digital collection of the Brazilian newspaper *O Estado de São Paulo*, in these texts direct or indirect references were presented related to the reading practices of former president Lula, concerning the period 1994, moment of his second candidacy for president, until April 2017, when we finished our research. Our objective with the selection and classification of the utterances, according its euphoric or dysphoric inscriptions related to the way that they present the former president on his relation with reading (reader/ not-reader), is the possibility to understand, from its analysis, certain discourses about reading. In addition to the predominance of utterances with incisive criticisms to the former president, related to his reader practice, we observed how the reading is invoked as a practice-symbol of other cultural practices and alludes to diverse skills considered necessary for the performance in the policy, reinforcing with this a predominantly idealized image that we share about reading and about what is to be a reader.

**Keywords:** Discourse Analysis; Reading; Brazilian policy; Media; Luiz Inácio Lula da Silva.

### O que disse a mídia sobre o presidente Lula como leitor:

Partindo do pressuposto de que há uma recorrência, ao longo da história, de certos discursos sobre a leitura que, por essa razão, frequentam nosso imaginário e controlam nossas formas de “ser” leitor, instituindo as práticas de prestígio, as formas de enunciar sobre ela e as hierarquias simbólicas a partir das quais nos avaliamos como leitores, e considerando que um dos meios de acesso a esses discursos são os textos de todas as ordens e origens, entre eles os textos provenientes das mídias tradicionais e de grande circulação, neste trabalho resultante de nossa pesquisa de Iniciação Científica, visamos apresentar uma breve análise de discursos sobre a leitura manifestos em textos que abordaram a política nacional, em especial em textos que se referem às práticas de leitura de um político de renome no Brasil, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em nossa pesquisa empreendemos um amplo levantamento de textos provenientes do acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*, nos quais se apresentassem referências diretas ou indiretas às práticas de leitura do ex-presidente Lula, concernente ao período de 1994, quando de sua segunda candidatura à presidência, até abril de 2017. Nossa pesquisa, de cunho exploratório e documental, consistiu basicamente na consulta a esse acervo, no levantamento e seleção textos em que figurassem enunciados que apresentassem direta ou indiretamente referências às práticas de leitura de Lula.

No processo de levantamento, estabelecemos uma classificação dos dados em conformidade com as regularidades que alguns apresentavam entre si quanto aos discursos sobre a leitura a que se filiavam, e que sustentavam as formas de representação, e de avaliação, de Lula como leitor. De modo geral, as referências a esse político como leitor se caracterizaram pelo tom prioritariamente derrisório. Explorou-se frequentemente sua aludida falta de hábito com as práticas letradas e sua inabilidade leitora que daí derivaria. Sob a forma de enunciados diversos, vimos se reiterar a representação disfórica de Lula como não-leitor.

O *corpus* coletado foi composto de enunciados provenientes de textos de diferentes gêneros discursivos (editoriais, notícias, reportagens, artigos de opinião, crônicas, notas informativas e mensagens de leitores) e inscritos em diversos cadernos e seções do jornal. Iniciamos o levantamento de dados através do mecanismo de busca do próprio site de *O Estadão*. Assim, mapeamos todos os textos em que figurava o termo *Lula*, e selecionamos aqueles em que a esse termo se vinculava alguma informação sobre as práticas letradas relacionadas à leitura (visita a bibliotecas, participação em feiras de livros, escrita de textos, citações de livros e de autores, autodeclarações sobre a leitura etc.).

Em nossa coleta, observamos uma recorrência de enunciados com críticas incisivas ao ex-presidente em relação a sua prática leitora, frequentemente alinhada à não leitura, à incapacidade de leitura, à falta de hábito de leitura. Sistematizamos, comparamos e organizamos os resultados, por meio de um exercício analítico-discursivo, na apreensão da remanência histórica e de (des)identificação do ex-presidente Lula com a condição de leitor tal como lhe é atribuída ou negada.

Empreendida a busca, que abrangeu todas as edições diárias desde primeiro de janeiro de 1994 a 30 de abril de 2017, obtivemos um total de 110 textos que abordaram as práticas letradas de Lula, em especial a leitura, do qual 32 textos fazem referências diretas e explícitas (ora relativamente neutras – 4 ocorrências; ora disfóricas – 28 ocorrências) à competência leitora ou ao perfil leitor do ex-presidente, e outros 78 textos em que figuram referências indiretas e implícitas sobre a prática de leitura de Lula, muito embora sejam diretas e explícitas sobre a sua prática (i)letrada (ora relativamente neutras – 4 ocorrências; ora disfóricas – 74 ocorrências).

Tendo em vista que selecionamos textos não exclusivamente com menções diretas à leitura, mas também indiretas porque relacionadas a outras práticas culturais de prestígio, o volume dos textos se mostrou bastante amplo, e com isso nos permitiu

constatar como a leitura é invocada como prática-símbolo de outras práticas culturais, não se restringindo apenas à competência de decodificação de textos. Encontramos desde textos que afirmam a ausência dessa competência por parte de Lula, ainda que de forma alusiva, retórica ou metafórica, até textos em que não se nega que ele leia ou saiba ler, mas embora reconheçam que seja leitor, nega-se que ele seja um leitor letrado, um leitor tal como se deveria ser, em conformidade com a imagem idealizada que compartilhamos sobre a leitura.

Do ponto de vista metodológico, uma vez que nos deparávamos com um texto a respeito de Lula com um enunciado que se referisse à leitura, procedíamos à análise inicial do que foi enunciado especificamente, e de sua relação com o que foi enunciado ao longo de todo o texto, assim como considerávamos quem enunciava. Com isso pudemos organizar esses enunciados coletados em certos conjuntos, agrupamentos discursivos, que inicialmente dispusemos em dois grandes blocos, em função de se caracterizarem, ora por sua relativa neutralidade ou euforia, ora por sua disforia discreta ou explícita no modo como era representado o perfil leitor de Lula. É com base em alguns exemplos dos tipos de enunciados e de suas ‘valências’ semânticas mais ou menos positivas ou negativas que organizamos uma breve análise, tal como apresentada a seguir.

### **Lula leitor, mas nem tanto**

Dentre as séries de enunciados que tem como tema as práticas leitoras de Lula, figuram aqueles que se apresentam sob a forma de referências explícitas em relação ao tema, sem que necessariamente sejam o tema ou argumento principal do texto e que parecem corresponder a formas mais objetivas de descrição, apresentando uma valência relativamente neutra, quiçá positiva, dada a positividade que em geral carrega a alusão à própria prática de leitura.

*Assim como temos livros de cabeceira, Lula tem pessoas de cabeceira [...]. Lula lê jornais, apostilas preparadas pelos assessores e alguns livros (Lourival Sant’anna, In: O Estado de SP, 2003<sup>4</sup>).*

---

<sup>4</sup> Lourival Sant’anna. *O coração acima da razão*. In: Jornal O Estado de SP. Seção Política. 01 de janeiro de 2003, p. 10. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030101-39887-nac-10-pol-a10-not/tela/fullscreen>>. Acesso: março de 2017.

Neste enunciado, a despeito de se afirmar que “*Lula lê jornais, apostilas preparadas pelos assessores e alguns livros*”, observamos que, sobre essa referência aparentemente neutra da informação, quiçá eufórica, já que atesta a sua condição como alguém capaz de ler, de alguém que o faz com relativa frequência – o que é indiciado pelas referências no plural em relação àquilo que lê – e de alguém que lê textos de diferentes origens e tipos – jornais, apostilas, livros – todas essas práticas que condizem com o perfil idealizado do que é ser leitor, o modo como isso foi enunciado tende a diminuir os benefícios que essa representação poderia outorgar simbolicamente ao ex-presidente. Apesar de ler objetos distintos, o “livro”, objeto que goza de maior prestígio é aquele cuja leitura é referida como uma prática mais rarefeita, menos frequente, tal como indiciado pelo especificador quantitativo “alguns”, que tem por efeito de sentido, em sua função modalizadora, marcar o aspecto de reiteração, mas de uma reiteração que se comparada ao plural empregado em relação aos demais objetos, “jornais” e “apostilas”, enfatiza a menor variedade ou menor frequência desta ocorrência modalizada pelo advérbio “alguns”, relativizando sua frequência ou definindo sua menor frequência em relação aos demais.

Faz-se também menção explícita a um tipo de texto de menor valor simbólico e cuja leitura dispõe de menor prestígio, as “apostilas”, ao que se acrescenta terem sido “preparadas pelos [seus] assessores”. A mera menção a esse tipo de objeto, muito provavelmente bastante comum no contexto político, mas não necessariamente mencionada quando se descreve o perfil de outros políticos em relação a suas práticas de leitura<sup>5</sup>, implica um pressuposto e um tipo de avaliação por parte do enunciador. No que diz respeito ao pressuposto, é preciso afirmar que ele lê os textos que concernem a rotina de atuação presidencial, tendo em vista a série de enunciados que afirmaria o contrário disso, sob a forma da alusão de que ele não sabe ler, que é analfabeto, que mesmo sabendo ler ele não o faz porque tem preguiça, e se o faz não compreende o que lê etc. Quanto à avaliação do enunciador, ela se manifesta na menção explícita de quem produz “as apostilas” e no caráter agentivo da prática de escrita e passivo da prática de leitura desses textos. Lula, assim representado, lê o que lhe é apresentado de modo resumido, direto, simplificado por seus assessores. Ademais, por seu caráter técnico, pragmático, intermediário e de circulação restrita, não necessariamente pública, este tipo de texto não dispõe do *status* de um livro, ou de um artigo, nem necessariamente

---

<sup>5</sup> Tal como constatou Curcino (2018).

seu produtor goza do título de “autor”<sup>6</sup>. Isso afeta seu prestígio simbólico como objeto cultural e diminui os benefícios que a referência à sua leitura poderia garantir ao seu leitor.

Além disso, essa informação do que Lula lê os tipos de textos que foram enumerados vem antecedida de sua apresentação como alguém que “ouve” mais do que “lê”. Diferentemente daqueles que têm “livros de cabeceira” – expressão empregada para aludir ao hábito de leitura, à sua frequência como ‘rito’ diário antes de dormir, como também ao ‘gosto’ por certos autores e obras, aqueles que por seu prestígio cultural se leria com mais frequência, ao menos mais de uma vez, e que seriam reservados para essas declarações e autorrepresentações ideais como leitor – Lula tem “pessoas de cabeceira”, reiterando o que se diz em geral a respeito de sua competência intelectual mais ligada à escuta do que à leitura, que entre outros efeitos também alude ao do caráter mais passivo daquele que ouve em relação à aquele que lê e interpreta<sup>7</sup>.

*O presidente é um homem dotado de rara capacidade mental. Não apenas assimila com rapidez e precisão, mas é capaz de reelaborar de maneira pessoal o que observa, o que aprende, o que lhe comunicam. [...] Hoje, depois de tantas campanhas, tantas tentativas, [...] tanta leitura, tanta troca de idéias, estou certo de que [Lula] está aparelhado para a função que o povo lhe confiou nessa votação histórica (Antonio Candido, In: O Estado de SP, 2003<sup>8</sup>).*

Neste enunciado, formulado após a eleição de Lula e publicado no dia de sua posse na seção “Política” do Jornal O Estado de São Paulo, em um texto de tom prioritariamente elogioso, entre outras razões porque escrito por um intelectual próximo ao presidente, com quem compartilhou a criação do Partido dos Trabalhadores, podemos observar a reiteração dessa imagem do homem que ouve “o que lhe comunicam”, tal como explorada sob diversas formas, em diferentes textos, a exemplo do enunciado que acabamos de analisar, embora aqui essa imagem não esteja sozinha,

<sup>6</sup> Sobre o caráter da distribuição rarefeita do nome próprio com “função autor” em textos de gêneros distintos, cf. Foucault (1992); Chartier (2012); Curcino (2014; 2016).

<sup>7</sup> Curcino (2018) aborda esse mesmo efeito em relação às alusões proferidas por Fernando Collor, em 1998, quando do debate de 2º turno com Lula, ao afirmar que Lula não lia, que ele simplesmente “comia pelas mãos de outros”, ou seja, que as informações e ideias que apresentava no debate proviriam de outros, daqueles que antes dele e por ele fizeram a leitura e o aconselharam. Essa “denúncia” não recai, como constatou a autora, sobre esse procedimento de obtenção de informações para o debate, já que se trata de algo próprio do processo de constituição do enunciável do gênero e de outros gêneros da política. Ela, na verdade, reitera a acusação de iletrismo e de não leitor do adversário.

<sup>8</sup> Antônio Candido. *O Lula que venceu*. In: Jornal O Estado de SP. Seção Política. 01 de janeiro de 2003, p. 11. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030101-39887-nac-11-pol-a11-not>> Acesso: março de 2017.

não seja a característica mais em destaque, nem admita uma conotação depreciativa desta competência. Ele é representado como ouvinte sagaz, como leitor e como debatedor de ideias.

Trata-se de um texto de apresentação do novo presidente empossado, mas também de exaltação desse feito. Esse contexto contribui para compreendermos a razão da menção explícita à prática em questão, “tanta leitura”, e dessa estrutura sintática do enunciado. Ao se enumerar todos os esforços empreendidos para se obter a eleição, a “leitura”, neste caso apresentada acompanhada do intensificador “tanta”, é mencionada em uma relação de paralelismo sintático com as demais atividades. Nesse contexto ela é aludida de forma generalizada, sem a especificação do que foi lido e em conjunto com as outras ações necessárias e importantes em uma disputa eleitoral. Ela também é mencionada, quando outras práticas culturais específicas não o foram. Isso revela a sua importância simbólica, de modo geral, assim como, diante da conjuntura política específica, sua relevância política, uma vez que Lula disputou três eleições e foi derrotado por dois bacharéis, Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, e em relação a ambos foi frequentemente descrito como analfabeto, como não preparado, como não leitor, caracterizações que funcionaram em muitos textos como sinônimas, como equivalentes.

A estrutura sintática de que a menção à leitura faz parte neste texto também pode ser interpretada como relativamente ambígua. O exercício de “tanta leitura” pode ser atribuído exclusivamente a Lula, já que o texto fala dele, de seu perfil, como também, de modo genérico, a todos que participaram desse processo coletivo das tantas “campanhas”, “tentativas”, “leitura” e “troca de ideias”. O texto, por sua data e local de publicação, corresponde ao tom previsto para essa circunstância, assim como visa apresentar ao leitor do jornal uma imagem mais complexa e completa daquele que governaria o país.

O autor, em seu texto, reitera a representação segundo a qual, entre os atributos necessários para o exercício do cargo, a leitura é fundamental, por isso afirma que Lula “está aparelhado para a função”. A prática da leitura, embora menos mencionada explicitamente como prática efetiva daqueles que até então tinham ocupado o cargo da presidência, sempre foi pressuposta como lhe sendo, como sendo uma de suas necessidades. Formalmente, para o exercício do cargo, saber ler sempre foi uma exigência juridicamente explicitada, logo, interdita para os analfabetos, que durante muito tempo foram maioria neste país, e também foram aliados do próprio poder

decisório pelo voto em função dessa condição. A leitura a que se refere Candido é, sem dúvida, aquela que diz respeito aos textos norteadores das visões de mundo e do exercício da política de esquerda, aos textos que fundamentam e justificam os posicionamentos assumidos e reiterados nas campanhas e os compromissos deles derivados e que compuseram os planos de governo.

A afirmação por parte do enunciador neste texto de a eleição de Lula se deve, além de outros fatores, à “tanta leitura”, responde, portanto, às críticas frequentes de que Lula não lia e admite a necessidade da leitura como prática simbólica de relevo para o exercício do cargo. Esses dois discursos, que são a fonte a partir da qual de modo eufórico o enunciador busca representar Lula como leitor – aquele que tende a “pressupor” como leitores apenas certos sujeitos em função de seu pertencimento de classe e de sua formação institucional escolar, e aquele da pressuposição de que há cargos que exigem certas competências letradas – funcionam submetidos à mesma representação idealizada do que é ser leitor: daquele que lê desde sempre, sempre, muito e certos tipos de texto. Seja para representar de maneira eufórica, seja para representar de maneira disfórica, os mesmos discursos são convocados nesses textos em que se relacionou o perfil de políticos à leitura.

### **Lula não leitor, e ponto:**

Nas séries de enunciados que coletamos, há aqueles em que, ainda que sob o subterfúgio da descrição objetiva que seria própria dos textos da mídia, se explora o caráter disfórico, negativo das referências que articulam o perfil de Lula à prática da leitura.

*O bom leitor: Lula ‘sente uma preguiça desgramada’ [ao ler], disse ele. Nada como uma boa confissão* (Daniel Piza, In: O Estado de SP, 2004<sup>9</sup>).

Aqui o enunciador adota como forma argumentativa uma asserção irônica. Não se trata de uma ironia sutil, nem sofisticada. Ela é bastante evidente, mesmo se considerarmos este enunciado de modo independente do texto em que figura. Essa evidência se manifesta na contradição entre ser “bom leitor” e “sentir preguiça de ler”. Mas ela também se indicia na escolha de formulação do enunciador que trata como

---

<sup>9</sup> Daniel Piza. *Fúteis e famosos*. In: Jornal O Estado de SP. Caderno 2/ Cultura. 25 de abril de 2004, p. 141. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20040425-40367-nac-141-cd2-d3not/tela/fullscreen>> Acesso: março de 2017.

“confissão” aquilo que teria enunciado Lula, e que estaria aqui representado sob a forma de citação direta: ‘sente uma preguiça desgramada’. No entanto, a representação do que teria dito Lula, sob a forma de citação direta, ‘desliza’ na forma como o verbo “sentir” é conjugado: ao invés do emprego da 1ª pessoa “eu sinto uma preguiça desgramada”, o enunciador representa a fala de Lula em 3ª pessoa “ele sente uma preguiça desgramada”. Esse deslize pode representar meramente um erro tipográfico da colocação das aspas, responsáveis pela indicação precisa do dizer do outro. No entanto, revela nessa sua formulação a alusão a algo sabido, de domínio comum a um coletivo, a algo recitado anteriormente, seja pelo próprio enunciador, seja pela repercussão em vários meios de um dizer atribuído a Lula que foi interpretado por muitos como polêmico e condenável: a admissão de preguiça em relação à leitura.

Lula de fato declarou ter preguiça ao ler, e o fez em suas primeiras entrevistas na década de 80 a pelo menos dois veículos: na entrevista que concedeu à revista *Playboy* e à revista *O Pasquim*.

Na entrevista à *Playboy*, Lula fala de forma mais extrovertida, em conformidade com a imagem que compartilha sobre os interesses dos leitores da revista, mostrando-se bastante espontâneo e à vontade com as questões embaraçosas, algumas bastante íntimas, tal como a que precede a pergunta sobre sua prática de leitura: “Voltando à sua intimidade, a tensão, o cansaço, o excesso de trabalho não lhe tiram a vontade de fazer sexo?”. Na sequência, após a sua resposta, ele é questionado sobre seu perfil leitor: “Você se expressa bem, fala com clareza. Você lê?”. Ao que Lula responde: “Eu leio jornais e converso muito. Aprendendo com o dia-a-dia, em contato com os problemas que a gente enfrenta. Eu ganho muitos livros, mas sou preguiçoso para ler. Quando muito leio o prefácio, deixo para depois e acabo não lendo.”. A pergunta, talvez inesperada, e a resposta aparentemente franca são formuladas com base em representações comuns sobre a leitura: 1) é preciso ser leitor quando se tem visibilidade pública, quando se exerce certos cargos, quando se pretende exercer certos cargos; 2) só se é verdadeiramente leitor se entre as práticas de leitura se incluir a leitura de livros; 3) alguém que “se expressa bem, fala com clareza” é leitor. 4) alguém que lê apenas parte dos livros não é leitor; 5) não ser leitor, segundo esse perfil ideal, é algo que exige uma justificativa e a admissão de responsabilidade/culpa costuma ser uma delas.

A pergunta que se segue ao elogio que anuncia o tema, tem um valor retórico, em certa medida: “você lê?”, isso porque além de incitar que se fale deste tema, ela

parece buscar uma explicação para o fato de que apenas os que leem se expressam bem e com clareza, de modo que é preciso obter do entrevistado a revelação de um seu segredo, já que o pressuposto compartilhado a seu respeito, e à respeito de todos que como ele tem a mesma origem, é o de que ele não lê. Lula responde tal como se espera dele, afirmando que embora seja leitor de jornal, não lê livros. A própria alusão ao livro indicia a partilha da representação idealizada do que é ser leitor: não se é leitor lendo apenas jornal ou ouvindo falar dos temas explorados em livros. Para ser leitor é preciso ler livros e na impossibilidade disso é preciso se valer da autodepreciação: “sou preguiçoso para ler”.

A autodepreciação como leitor também ocorre nesses mesmos termos na entrevista concedida ao *O Pasquim*, no mesmo período. Tendo incorporado as hierarquias simbólicas valorativas acerca da leitura, Lula, quando perguntado se costumava ler responde, já se justificando de não corresponder ao perfil ideal de leitor, que lia bastante jornal, mas que não tinha tempo para ler outras coisas. No entanto, diferentemente da resposta para a revista *Playboy*, e porque tinha consciência de que seria lido por um público específico, ele não se detém nessa revelação, perguntando a seus entrevistadores: “Vocês já entraram numa fábrica de automóveis? O trabalhador não tem tempo de nada, de ler, de pensar, só tem tempo de trabalhar.”. Essa é uma das formas politizadas de se reconhecer como não leitor, denunciando as condições sociais segundo as quais se pode ou não gozar desta prática.

Assim, a declaração atribuída a Lula, relativa a “ter preguiça de ler”, retorna com frequência nos textos que se valem da leitura como princípio de avaliação do perfil do presidente e que tem por objetivo depreciá-lo, de modo que ela é usada sob o efeito de uma ‘revelação’, de uma denúncia sustentada em provas. A declaração prototípica de quem foi alijado de uma prática, de quem sabe de seu valor simbólico, e de quem pressionado pela ideologia subjetivista e alienada segundo a qual para ser leitor basta querer, basta se esforçar, de que ler é responsabilidade individual, é um modo bastante comum e perverso de funcionamento da ideologia dominante e costuma se caracterizar pela autorresponsabilização da ‘escolha’ de não ler, da “preguiça” assumida como inadequada, sob o tom da confissão envergonhada. É com o tom condenatório comum àqueles que se consideram melhores que outros por sua condição leitora imaginada como mais próxima daquela idealizada que vemos se repetir a alusão ao tema da ‘recusa’ em ler, por parte de Lula.

[...] *pelo menos* [Lula] *nunca mais se gabará de não ter estudado e nunca mais manifestará ojeriza à leitura* [...], *teria lido pelo menos um livro*. (João Ubaldo Ribeiro, In: O Estado de SP, 2006<sup>10</sup>).

Neste enunciado, que também recorre a essas afirmações de Lula em relação à leitura, e que também o faz sob a forma de ironia, mesmo após 30 anos de sua formulação e mesmo reconhecendo que sua história de vida, assim como a da maioria dos brasileiros, não oportuniza ser leitor, reitera-se a sua não leitura. A escolha lexical para expressar sua relação com a leitura corresponde a uma forma de intensificação e certeza de seu perfil não leitor, ao se afirmar a “ojeriza” que ele sentiria relativa a essa prática, o que se comprovaria pelo ‘fato’ de suas declarações de ‘preguiça’, que deslizaria, segundo essa escolha lexical, para o efeito de ‘ojeriza’, e pelo fato de que ele “teria lido pelo menos um livro”, o que atestaria sua não leitura, já que somente se é leitor se se lê livros e se o faz como um hábito, como uma prática empreendida constante e perenemente, assim como de forma espontânea e por prazer. Sentir ‘ojeriza’ explicaria o ‘fato’ de ele ter lido um livro, “pelo menos um livro”. O emprego da expressão “pelo menos um” resguarda uma dimensão semântica compensatória. No entanto, não é esse o valor que deve ser atribuído a seu emprego neste enunciado. Nele a expressão formulada de maneira irônica intensifica a pouca leitura de livros, de modo a enfatizar a prática de Lula como uma não leitura.

### **Algumas considerações**

Tal como constatou Curcino (2018), as representações de Lula em relação à leitura se caracterizam majoritariamente por sua regularidade quanto à afirmação de seu perfil não leitor, e mesmo nas representações que lhe são favoráveis nos deparamos com o eco, com o pressuposto de uma carência, de uma falta, de uma falha que deve ser retomado e a seu respeito sempre cabe alguma satisfação a ser dada. Essas representações se mantêm e reforçam, de modo cacofônico, os estereótipos do analfabeto e daquele que tem preguiça de ler e, no caso de Lula, sequer teria o pudor devido de não revelar isso. Esses discursos sobre a leitura continuarão a pautar os textos que ainda serão produzidos sobre esse tema em relação a sujeitos como Lula, em função da força de inércia desses protocolos de representação, em função da força das

---

<sup>10</sup> João Ubaldo Ribeiro. *Se tivesse estudado...* In: Jornal O Estado de SP. Ponto de Vista. 09 de abril de 2006, p. 167. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20060409-41081-nac-167-cd2-d3-not/tela/fullscreen>> Acesso: abril de 2017.

hierarquias culturais e dos discursos que as sustentam. Eles atuam como uma condenação permanente, em certa medida: Lula foi, é, e continuará sendo tratado como não-leitor, independentemente suas práticas efetivas, de ler livros, de realizar isso com mais frequência, de fazer alusões a eles, de se declarar leitor, assim como ele continua sendo tratado, mesmo após o exercício exitoso da presidência da República, como um analfabeto.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia.** Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra (Trad). São Carlos: EdUFScar, 2012.

CURCINO, Luzmara. **Relatório Científico** “Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: Uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros”. Resultante de pós-doutorado realizado nos anos de 2016 a 2018, junto à Universidade Estadual de Campinas, no Instituto de Estudos da Linguagem, e à Université Versailles Saint-Quentin en Yvelines, no Centre de Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines, com apoio CNPq (104991/2016-0) e FAPESP (2016/06724-9). *mimeo*, 2018.

CURCINO, Luzmara. **Reflexões sobre a 'autoria' à luz da História cultural: contribuições de Roger Chartier.** Revista da ABRALIN. v.15, p.39-52, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47882>

CURCINO, Luzmara. **Metamorfoses da autoria na contemporaneidade: a função autor em tempos de circulação virtual de textos.** In: PIOVEZANI, C. et al (orgs.). Presenças de Foucault na Análise do Discurso. São Carlos: EdUFScar, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 3ª ed. Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. [Lisboa]: Veja: Passagens, 1992.

Submetido em: 26/11/2018.

Aprovado em: 03/11/2019.

#### Como referenciar este artigo:

SILVA, Andrei Cezar da; CURCINO, Luzmara. Uma análise de representações de lula como leitor na mídia brasileira. In: **revista Linguagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 29-40.